



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INTEGRAL NA ESCOLA
CONTEMPORÂNEA: ÊNFASE NA ABORDAGEM TEÓRICA
METODOLÓGICA TRAJETÓRIAS CRIATIVAS**

**Relações entre Educação Integral, aprendizagens de matemática e
autoestima de jovens negros: possibilidades de superação.**

Cleide Regina da Silva

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Educação Integral na Escola Contemporânea: com ênfase na abordagem teórica metodológica Trajetórias Criativas, orientado pela Professora Doutora Carla Beatriz Meinerz.

Porto Alegre, fevereiro de 2015.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INTEGRAL NA ESCOLA
CONTEMPORÂNEA: ÊNFASE NA ABORDAGEM TEÓRICA
METODOLÓGICA TRAJETÓRIAS CRIATIVAS**

Relações entre Educação Integral, aprendizagens de matemática e autoestima de jovens negros: possibilidades de superação.

Cleide Regina da Silva

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Educação Integral na Escola Contemporânea: com ênfase na abordagem teórica metodológica Trajetórias Criativas, orientado pela Professora Doutora Carla Beatriz Meinerz.

Porto Alegre, fevereiro de 2015.

Resumo

O presente artigo resulta de pesquisa realizada junto a ex-alunos do Projeto Trajetórias Criativas (TC) e aborda a contribuição do ensino de Matemática para a superação da baixa autoestima em relação à aprendizagem dos jovens negros, na perspectiva da educação integral e das relações étnico-raciais. Aponta a relevância do ensino de Matemática integrado a outras disciplinas, levando em consideração as necessidades e a história pessoal de cada estudante, a partir da valorização da igualdade, promovendo o desenvolvimento integral dos jovens negros.

A análise da discriminação racial, da vulnerabilidade social e do baixo aproveitamento de jovens negros na disciplina de Matemática em escolas públicas, relacionados à falta de entendimento do conceito de juventude e exclusão, é a chave para entender os resultados significativos que vem sendo demonstradas pelo projeto Trajetórias Criativas no Rio Grande do Sul.

Nas entrevistas com dois ex-alunos afrodescendentes, atualmente estudantes do Ensino Médio de uma Escola Estadual localizada em Alvorada-RS, abordamos as transformações ocorridas durante o processo de inclusão no Projeto Trajetórias Criativas. Esses sujeitos de pesquisa foram escolhidos devido a apresentarem defasagem idade/série e um alto grau de reprovação na disciplina de Matemática no Ensino Fundamental.

As transformações analisadas ocorreram no momento em que esses jovens se depararam com um tipo diferente de trabalho realizado pelos professores, mais criativo e voltado para a valorização do aluno em suas potencialidades. A utilização de jogos, teatro, atividades lúdicas e em horário extraclasse despertou a autoestima, o conhecimento e aprimoramento de habilidades e talentos até então desconsiderados, possibilitando uma mudança profunda na percepção do papel que cada um poderia desempenhar na sociedade, rompendo com estereótipos e tornando acessível o processo de ensino-aprendizagem, deixaram de serem sujeitos “*perdedores e descartáveis*”, adjetivos usados pelos jovens nas entrevistas analisadas pela autora Vera Lucia Candau, uma das referências dessa pesquisa. A metodologia utilizada para elaboração deste artigo baseia-se na pesquisa quantitativa do tipo

etnográfico com utilização de entrevistas semiestruturadas e análise documental.

Palavras chave: Projeto Trajetórias Criativas; Inclusão Social; Jovens Negros; Matemática; Educação Integral.

Introdução

O tema da pesquisa apresentado foi escolhido pelo entendimento de que a escola como um espaço sociocultural e público, é capaz de contribuir nos enfrentamentos de práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas. No trabalho com a disciplina de Matemática, como professora na escola pública, destaco que não tem sido tarefa fácil a realização desses desafios no campo das aprendizagens, especialmente em áreas de vulnerabilidade social. Defendo que os jovens das comunidades em situação de risco social tenham igualmente direito a uma educação de qualidade pautada em temas que desenvolvam os sujeitos na sua integralidade.

Como educadora tenho vivenciado situações de preconceito racial, despreparo social e a ideia, defendida por muitos alunos, de que a disciplina de matemática é considerada como a mais importante e difícil da escola, portanto o espaço de alguns sofrimentos e obstáculos para os mesmos.

A vontade de conhecer novas abordagens sobre as aprendizagens cognitivas deve ser tão importante quanto à de entender as juventudes, essa tarefa vem sendo o mais novo desafio da escola contemporânea no Brasil. Compreender os jovens negros também é primordial para que o trabalho escolar dos professores esteja de acordo com propósitos coerentes e construa resultados de qualidade. Abordar os temas transversais, por exemplo, demonstrados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, assim como as temáticas obrigatórias do artigo 26A da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), pode contribuir para um ensino que garanta espaço para a educação das relações étnico-raciais. Através da escola de Educação Integral e do Projeto TC é possível capacitar jovens negros para a afirmação de uma identidade positiva, com autoestima, autonomia e protagonismo,

elementos que podem ser repensados pelos especialistas em educação. A reconstrução e afirmação identitária se fazem necessárias para corrigir as mazelas geradas aos negros a partir da exclusão discriminatória promovida pela sociedade brasileira desde o período colonial e até os dias atuais.

Neste artigo veremos diversas situações nas quais ocorre a discriminação no ambiente escolar, assim como a não valorização de alunos afrodescendentes, a incompreensão de seus problemas e de suas carências, o que contribui para a sua baixa autoestima, apatia e a conseqüente reprovação e exclusão no processo ensino-aprendizagem, especialmente de Matemática. Todos esses fatores levam tais alunos á defasagem de idade série, ás drogas, a criminalidade e a vulnerabilidade social, impedindo-os de viverem plenamente sua juventude. São esses jovens, em geral, o público alvo do TC.

Jovens negros, vulnerabilidade social e aprendizagens matemáticas na escola de educação integral.

O conceito de juventude tem sido alvo de inúmeros debates e pesquisas na educação brasileira. Segundo autores como DAYRELL, NOGUEIRA & MIRANDA (2011),

Existe um apego exclusivo às características psicofísicas como definidoras de juventude, desconsiderando os contextos nos quais as idades cronológicas se concretizam, podendo nos levar a um evolucionismo mecânico (...). Ou seja, pensadas como etapas cronologicamente definidas e caracterizadas, a infância e a juventude seriam apenas uma passagem necessária para o estado de adulto. Um dos problemas dessa forma de conceber as gerações é a anulação do direito e ser criança e o direito de ser jovem. (p.15)

A partir dessa premissa de que cada jovem é um sujeito social é que vamos apresentar os dois entrevistados que contribuíram nas reflexões ora apresentadas.

O jovem W¹ não era considerado um bom aluno, brigava em casa e tinha uma relação conflituosa com os pais, foi reprovado na 5ª série duas vezes. Afrodescendente, foi adotado por uma família branca e quando ele

¹ Os entrevistados são dois ex-alunos do TC, da escola pesquisada: W e V Ambos autorizaram a publicação de seus nomes e serão aqui nomeados como W e V.

completou quatro anos, iniciou uma série de conflitos, brigas com os irmãos, pois era discriminado. Nesta época foi colocado em um abrigo para menores, porém os pais sempre o visitavam. O menino evadia constantemente, era levado e reincidia novamente.

Devido à discriminação que sofria por todos, relata que se sentia sem identidade, porque desde pequeno era chamado de “negão” e não por seu nome. Em tudo que fazia era desvalorizado e chamado de “Negão Negreiro”, quando começou a fazer capoeira era chamado de “Negão da Capoeira” e nunca de W. Sentia-se deslocado, um jovem que não pertencia a lugar algum.

Para Kehl (2004) “juventude é um conceito elástico, pois é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado em que todos querem se incluir”. W parece que não desfrutava de sua juventude, pois era tão discriminado que não tinha noção do direito que possuía em fazer parte da sala de aula, da escola, da comunidade e da sociedade em que vivia.

Acreditamos que a ocupação de novos espaços escolares com o planejamento teórico-metodológico adequado à ocorrência de novas experiências aos jovens, na perspectiva dos pressupostos da Educação Integral e da abordagem teórico-metodológica do TC, é capaz de criar novas experimentações para jovens como W.

Através dessas práticas é possível estabelecer um elo entre o fazer e a teoria, tendo em vista que existe um grande número de jovens negros matriculados. Diante disso, os jovens do projeto TC já estão vivendo o desenvolvimento de uma cultura plural capaz de oferecer um diálogo intercultural e um novo olhar de observação à comunidade.

Com o passar dos anos, e não muitos, a violência vem tomando conta, dos jovens, uma camada da população que se encontra extremamente vulnerável e carente de atenção. Em 2008, 92% dos jovens negros superaram a mortalidade dos jovens brancos. A prévia para o mapa da violência no Brasil, para 2014, não foi melhor que a de 2008.

Este quadro indica que se faz urgente à ação de políticas públicas para a juventude negra no Brasil. A sociedade brasileira precisa entender que esse grupo social tem direito à educação de qualidade e ao respeito social, para assim sair de situações socialmente vulneráveis.

Em sua fala, W relata que na escola, antes do TC, os professores não confiavam nele, era esquecido totalmente, ficava no fundo da sala, deslocado, perdido, sem motivação. Os professores nunca apostaram nele, e a semana toda era marcada por brigas, suspensões, assinatura de atas de ocorrências, e bilhetes para os responsáveis.

Nunca tinha razão, ninguém ouvia o seu lado da história ou procurava saber por que agia desta forma. Um fato marcante narrado por W e que ocorreu na 5ª série: durante um debate em sala de aula, a professora perguntou o que cada um desejava ser quando crescesse W respondeu que gostaria de ser astronauta, para estudar as estrelas, viajar no espaço. A professora então respondeu que ele jamais seria um astronauta, porque para isso a pessoa teria que estudar e ser muito inteligente. W descreve o que sentiu como uma facada no peito, um choque e não esquece até hoje.

Os indicadores sociais² presentes em pesquisas como o Mapa da Violência no Brasil, entre outros, mostram o grande número de jovens negros vítimas de violência no Brasil podem e devem ser usados como sinais, para se trabalhar a educação de qualidade nas relações raciais na escola, a partir da construção curricular em novos espaços propostos pela educação integral. As atividades escolares redesenham uma metodologia baseada numa gestão democrática que valorize as culturas africanas e afro-brasileiras desenvolvendo uma cultura antirracista e não discriminatória em um currículo contextualizado, plural e significativo. O racismo³ está longe de ocorrer somente com os negros, mas estende-se a vários grupos sociais como ciganos, imigrantes, indígenas, entre outros.

Ao ingressar no Projeto Trajetórias Criativas, W relata que percebeu que a postura dos professores era outra, que estes acreditavam no grupo e apostavam que cada um poderia desenvolver suas capacidades. Foi se sentindo seguro, porque tudo era diferente, cada disciplina era uma novidade que surpreendia. Com as novas atividades cuja proposta era a auto valorização e o autocontrole, através da expressão corporal a turma foi se integrando, conhecendo e mudando a imagem que até então tinham de si e dos outros. No

² Indicadores são sinais que revelam aspectos de determinada realidade e que podem qualificar algo.

³ O racismo é um conjunto de crenças e valores que tem por base o entendimento de que os seres humanos são “naturalmente” desiguais em função da cor da pele, do cabelo, de outras características.

projeto passou a entender e gostar de Matemática, por ser ensinada de uma forma diferente, nas praticas, nos jogos, nas dinâmicas, muito mais interessantes e sem “*coisas repetitivas no quadro*”. W esteve no TC em 2012 e ao longo de três anos, foi descobrindo que era capaz de aprender se sentindo cada vez mais seguro e confiante, hoje cursa o segundo ano do Ensino Médio e tornou-se um atleta da SOGIPA, representando o Brasil em competições internacionais de Atletismo. Coloca que “nasceu” no TC, pois pela primeira vez em sua vida pessoas olharam para ele e viram nele não o “negão” sem identidade, mas um ser humano com aptidões, talentos e capacidades, apostaram nele e despertaram sua vontade de superar desafios. Sua vida mudou a relação com as pessoas melhorou e ele considera que o projeto recupera os que estão desistindo de tudo. W construiu sua história. Segundo MEINERZ (2011) o aluno constrói a sua própria história.

A partir do uso desses indicadores e de uma metodologia que rompa com a valorização discriminatória desses grupos sociais excluídos historicamente, busca-se pensar no papel do professor de Matemática e a maneira de trabalhar a disciplina em relação à cultura étnico-racial, dentro e fora da sala de aula, em turmas TCs. Trabalhar articulando a igualdade e diferença sob os parâmetros matemáticos vem sendo visto como uma necessidade, pois nos primórdios da educação, aprender Matemática era direito de poucos. Como oferecer uma educação de qualidade através da Matemática hoje?

A educação é um bom caminho para auxiliar as ações afirmativas⁴. Na perspectiva de CANDAU (2007)

Temos de buscar, no meio de tensões, contradições e conflitos, caminhos de afirmação de uma cultura dos direitos humanos que penetre todas as práticas sociais e seja capaz de favorecer processos de democratização, de articular a afirmação dos direitos fundamentais de cada pessoa e grupo sociocultural, de modo especial os direitos sociais e econômicos, com o reconhecimento dos direitos à diferença (p.06).

O aluno V, cursa hoje o primeiro ano do Ensino Médio, reprovou várias vezes, duas na 5ª série e não conseguia aprovação em Matemática, saia

4 Conceito declarado por VERA LÚCIA CANDAU como sendo caminhos de afirmação de culturas dos direitos humanos que possa ser incorporada nas práticas sociais vindo a favorecer as políticas de democratização.

constantemente da sala de aula, não estudava.

Quando ingressou no Trajetórias Criativas, sentiu que sua vida mudou, que os professores demonstravam mais interesse nos alunos. Começou a valorizar os estudos e ficou entusiasmado quando passou a entender e ter bom desempenho em Matemática. Ingressou no teatro e conta que ampliou seus horizontes. Apesar do conselho dos pais, antes do projeto, não achava os estudos importante. Hoje já pensa em fazer curso superior de Engenharia Mecânica. Sente que agora terá muitas chances de ter uma vida melhor, um bom emprego, pois agora conquistou seu espaço na sociedade.

De acordo com CANDAU (2007) a lógica de mercados, a competitividade e as políticas neoliberais e globalizadoras criam sujeitos *perdedores e descartáveis*.

Nessa perspectiva, a Educação Integral é entendida como a possibilidade de concretizar novas conquistas sociais através de uma nova estrutura escolar a partir do uso de novos espaços caracterizando novos tempos para que seja possível refletir sobre os modos de agir, sentir e pensar; reconhecendo os negros como povos detentores uma rica cultura (BRASIL (2011).

A formação docente é construída a partir de caminhos específicos e é justamente nessa perspectiva que fazemos referência à entrevista de NÓVOA (2001) sobre a função do professor-pesquisador. A pesquisa revitaliza o trabalho realizado pelo professor e, segundo BECKER (2010) a ação curiosa do educador conserva o trabalho ativo de questionador, e este conceito vem norteando a Educação Integral e o TC.

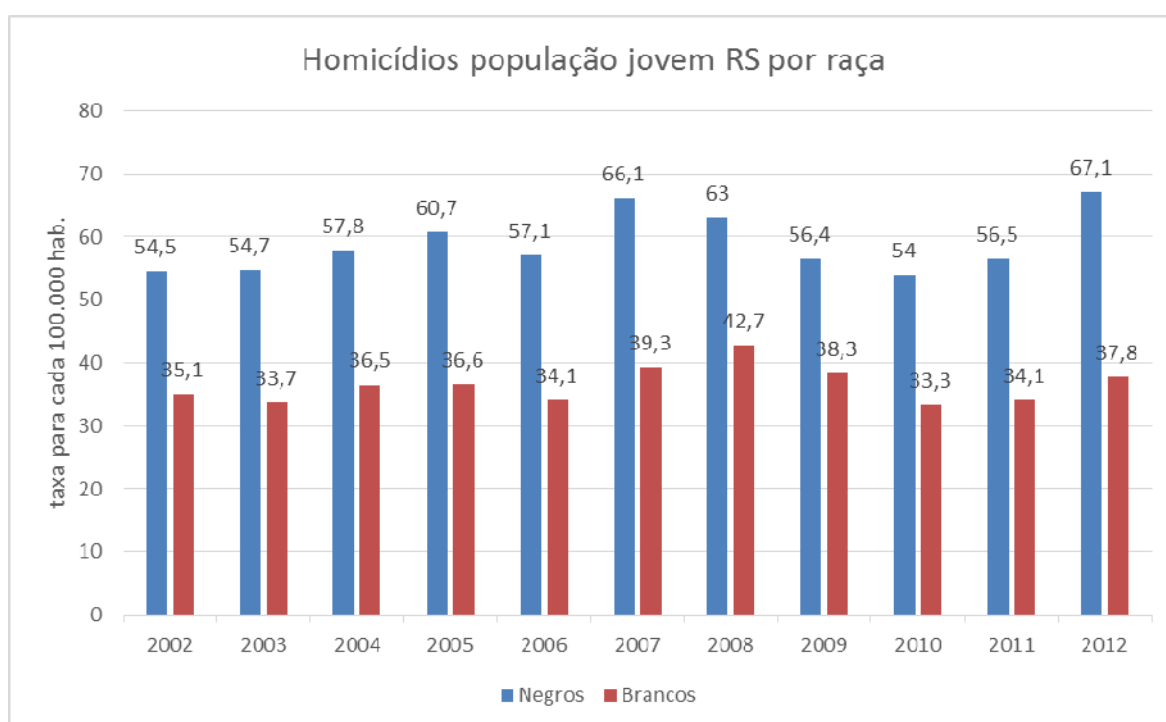
A reflexão do presente artigo busca responder a seguinte questão norteadora é: **Qual a contribuição do ensino de matemática para a superação da baixa autoestima em relação à aprendizagem dos jovens negros, na perspectiva da educação integral e das relações étnico-raciais, em processos educativos do TC?**

Para tratar da Matemática como instrumento viável na escola de Educação Integral com a perspectiva Trajetórias Criativa, buscamos uma metodologia de abordagem qualitativa combinada com entrevistas semiestruturadas e análise de gráficos.

Na análise desses dados de pesquisa buscamos pressupostos

específicos sobre a realidade, a partir dos referenciais da etnografia segundo Ludke & André (1986), segundo os quais é possível interpretar os sujeitos em seus pensamentos, sentimentos e ações.

Defendemos que os jovens negros que compõem a sociedade brasileira são resultado de um respeito racial ilusório, permissivo o suficiente para garantir os discursos discriminatórios. O alto índice de violência nas periferias, os assassinatos, as drogas, o preconceito institucional vêm colaborando para o agravamento do quadro social como nos mostra as estatísticas do Ministério da Educação (2014). Vejamos o gráfico 1:



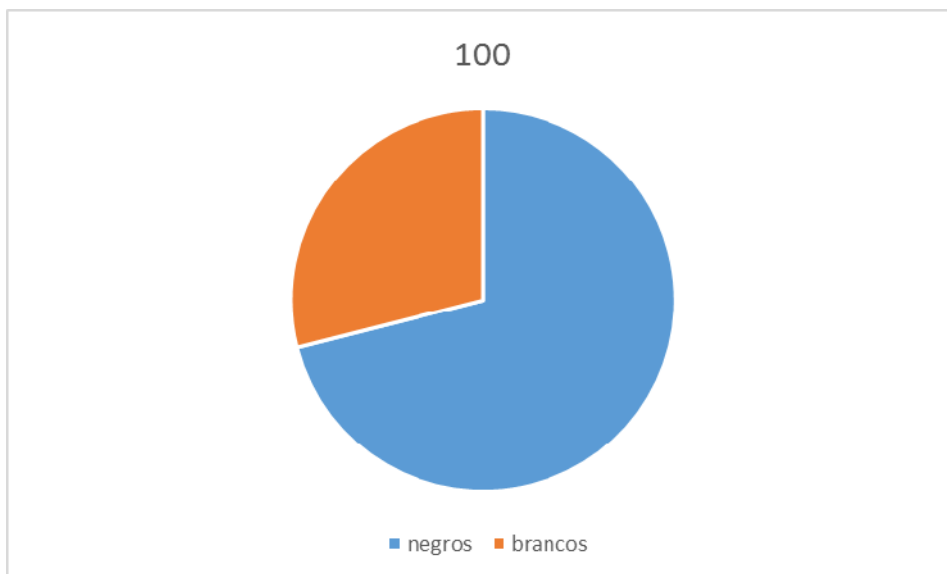
Fonte: SIM/MS - Sistema de Informações de Mortalidade de jovens por raça do Ministério da Saúde.

Durante o período de ocorrência do projeto piloto do Trajetória Criativas, o desenvolvimento disciplinar da Matemática percorreu caminhos bastante fora dos convencionais, partindo sempre das necessidades dos jovens alunos. O aluno TC, além de sofrer com a questão da defasagem escolar idade/série, ainda precisa conviver com a vulnerabilidade social e a falta do diálogo cultural a que tem sido submetido.

As trajetórias escolares, especialmente de negros, são marcadas por inúmeras reprovações confirmando as desigualdades raciais, a vulnerabilidade

e as exclusões sociais⁵.

Diante disso, será possível refletir e relacionar a reprovação dos jovens negros e a defasagem na aprendizagem escolar em Matemática com o pertencimento racial e o processo de seleção dos jovens negros como integrantes do projeto Trajetórias Criativas em Alvorada-RS. Observemos o gráfico 2:



Fonte: Sistematização realizada pela autora para melhor apreciação dos dados.

A docência na área da Matemática muitas vezes não alcança seus objetivos. A principal angústia dos educadores é o sucesso da aprendizagem de seus alunos. Os planejamentos interdisciplinares e transdisciplinares que contemplem a multiculturalidade já estão sendo uma realidade no projeto TC. Para situarmos nosso ponto de vista é necessário que entendamos que a educação Matemática precisa ser conectada a Etnomatemática.

O estudo da Etnomatemática iniciou na década de 1980 e é considerada uma vertente da Educação Matemática originalmente pesquisada e impulsionada pelo professor brasileiro Ubiratan D'Ambrósio, que num programa norte-americano disponibilizou cotas para os alunos negros. Esta implantação, como nos coloca ESQUINCALHA (2003), estabelece um diálogo das relações e conexões entre a educação matemática e cultura.

5 PASSOS, Joana Célia dos. Jovens negros: Trajetórias escolares, desigualdades e racismo. Ação Educativa, Anped e Fundação Ford, UFSC e NEN. GT: Afro-brasileiros e Educação/ n 21.

A partir dessa preocupação trazemos a definição de Etnomatemática que segundo ESQUINCALHA (2003) ao citar D'AMBRÓSIO (2002) é entendida da seguinte forma: *etno* - o ambiente natural, social, cultural e imaginário; *matema* - de explicar, aprender, conhecer, lidar com e *tica* - modos, estilos, artes e técnicas. (p.04)

A Educação Matemática é colocada por DUARTE e TASCHETTO (2002) como um campo de multiplicidade de perspectivas teóricas e uma pluralidade de objetos de análise resultantes de pesquisadores interessados em problematizar o conhecimento matemático e suas implicações educacionais. (p.105)

Em uma revista intitulada Diário do Grande ABC, D'AMBRÓSIO (2003) comenta que o ensino de Matemática não pode ser hermético nem elitista. Deve levar em consideração a realidade sociocultural do aluno, o ambiente em que ele vive e o conhecimento que ele traz de casa (...) os professores valorizam demais o pensamento formal (p.01).

A partir da Filosofia da Diferença objetivada por Deleuze e Guattari, ESQUINCALHA (2003) coloca que já estão sendo estabelecidas relações entre a Matemática e cultura, o que vem ampliando as ferramentas teóricas e conceituais. O esfacelamento das fronteiras disciplinares representa a quebra da fragmentação curricular a fim de promover importantes ressignificações.

Através do diálogo de DUARTE E TASCHETTO (2002) as teorizações d'ambrosianas continuam sendo estudadas adaptando a perspectiva pós-estruturalista. Com novos olhares, essas pesquisas contaram com a contribuição do filósofo francês Michel Foucault partindo para a análise de três dimensões: as ressignificações sobre a função da linguagem, as relações intrínsecas entre poder e saber e a produção da verdade.

A fragmentação disciplinar que separa o conhecimento como caixas individualizadas, impede o fluxo do pensamento inventivo e criativo dos estudantes impedindo que os mesmos consigam entender e trabalhar as *resoluções de problemas*.

Existe uma forte ligação do tema ora apresentado com a Etnomatemática tendo em vista que todas as culturas estão sendo valorizadas pelos professores envolvidos no projeto TC.

Diante do exposto é importante conhecer e compreender a influência

positiva que a Etnomatemática garante ao planejamento curricular, tanto com o professor de Matemática quanto em grupo, no respectivo projeto de iniciação científica.

Ao realizar esta pesquisa e reflexão, ficamos sensibilizados com as histórias relatadas pelos alunos, o que nos fez repensar nossas ações em todos os sentidos, não apenas profissionalmente, mas também pessoalmente. O estudo reforçou a crença e a vontade de aprimorar e enriquecer o Projeto Trajetórias Criativas, de ser instrumento de transformação, porque a cada dia nos deparamos com muitos W's e V's que precisam de um olhar diferenciado do professor, para solucionar as dificuldades e achar o caminho de suas vidas.

Analisando o Projeto Político Pedagógico da escola pesquisada vimos que o grupo acredita que a Educação deve ser vista como um meio de pensar a relação existente entre Escola e Comunidade, baseando as práticas pedagógicas na busca de novos caminhos, ações coletivas, e teorias que valorizem como foco principal a vida, possibilitando assim uma maior interação e transformação.

Tal Projeto visa uma maior participação não só de todos os setores da escola, mas também da comunidade em geral. Fomentando o desejo de mudança e transformação, na medida em que se discute e vivencia diversas visões de mundo oriundas de grupos cada vez mais numerosos e heterogêneos.

Para Paulo Freire não há diferença entre educadores e educandos, pois todos estão sempre aprendendo. A escola assume o todo como fator primordial no processo de ensino aprendizagem, convivendo e buscando soluções para os conflitos e contradições e trabalhando na construção de melhorias. A avaliação é um processo contínuo interdisciplinar, com o objetivo de promover o educando.

A escola em sua dimensão comunitária procura a interação com a comunidade escolar, através das propostas de escola aberta nos fins de semana, numa tentativa de diminuir a exposição dos alunos as violências, drogas e prostituição infantil e juvenil. Procura esta interação realizando conselhos de classe participativos, divulgação maior dos projetos, com atividades com culminância durante a semana e nos sábados letivos. A qualificação da prática pedagógica ocorre com a sua ampla divulgação e

estudo a cada ano.

É importante considerar a escola como um espaço pedagógico, social, cultural, administrativo e humano, buscando a correlação entre Equipe Diretiva, Conselho Escolar, Grêmio Estudantil, Serviço de Supervisão, Serviço de Orientação ao Educando e Secretaria.

A dimensão pedagógica estuda o processo de planejamento desejado a partir do Projeto Político Pedagógico, e considera a importância de aprofundar as reflexões e estudos teóricos de forma que haja uma mudança de atitudes, por parte dos professores na prática docente, com o objetivo de que cada indivíduo desenvolva atitudes interdisciplinares, e isto só acontece quando os professores oferecem um conhecimento também interdisciplinar.

Quanto à metodologia, a avaliação é diagnóstica tendo como princípios o interesse no todo a prática de ensino e o mundo real dos participantes. Orientam as atividades em cada ano/série, disciplina, módulo ou totalidade. Os temas trabalhados visam à unidade e a interação da educação básica. Quem coordena é a Serviço de Supervisão Escolar, juntamente com a participação dos demais segmentos da comunidade escolar. Para que ocorram são necessárias reuniões semanais, objetivando o planejamento, a implementação, organização e avaliação do processo de ensino aprendizagem. A matriz curricular (conteúdos desenvolvidos) são universais e interligados entre si, levando em conta os aspectos humanos e sociais, vivências experiências, histórias de vida, focando a integração escola-família-sociedade, acreditando nas transformações, em dias melhores e repensando a escola que temos e a que queremos. Esta proposta pedagógica objetiva ainda o anti-autoritarismo, antielitismo valorização e respeito à experiência vivida, como base das relações na educação. Como todo o projeto é necessário uma reformulação contínua, para acompanhar as transformações de uma sociedade em constantes mudanças.

Como marco doutrinal a escola pretende uma educação única, alicerçada na liberdade e na responsabilidade, com coerência entre a prática e a teoria de uma nova ação educativa, conferindo uma nova visão do processo de ensino aprendizagem. Este processo deve ser entendido em seu caráter social, coletivo e participativo, repensando e compreendendo os conflitos existentes que expressam as realidades sociais, econômicas e culturais da

sociedade em que vivemos. É primordial a construção de um novo pensar pedagógico que contemple o desenvolvimento da autoestima, autonomia e espírito crítico, valorizando e respeitando a história de vida de cada um.

Considerações Finais

Na pesquisa abordamos as transformações ocorridas durante o processo de inclusão de alunos afrodescendentes e com defasagem idade/série no TC, e que apresentaram alto grau de reprovação na disciplina de Matemática.

Consideramos a importância da Matemática para a formação do cidadão, desenvolvida a partir da metodologia que enfatiza a construção de estratégias, a comprovação e justificativas de resultados, a criatividade e a iniciativa pessoal, o trabalho coletivo e a autonomia advinda da confiança na própria capacidade para enfrentar desafios.

Utilizamos a metodologia quantitativa (dois indivíduos), coletando os dados através de entrevistas com os alunos, descrevendo o ambiente, o cotidiano e as histórias vividas pelos entrevistados e com a análise do Projeto Político Pedagógico da escola.

Pretendemos, a partir dos resultados obtidos, demonstrar a necessidade de se estabelecer um novo olhar sobre o conhecimento adquirido como professor e sobre a resignificação do currículo da disciplina de matemática. Um saber matemático como o analisado pode ser um motor de inovações e de superações dos obstáculos, desde a mais simples até aquelas que significam verdadeiras barreiras na área do saber, como fruto de construções humanas, interagindo constantemente com o contexto natural, social e cultural.

Durante a pesquisa observamos que as colocações dos entrevistados foram muito fortes e emocionantes, principalmente de W que vivenciou fases muito difíceis e situações perigosas, antes de ingressar no Projeto Trajetórias Criativas. Relatos que contribuíram muito para a vida profissional, e que dão continuidade ao trabalho realizado como professores. Principalmente depois de W ter falado claramente que havia nascido no Trajetórias Criativas, declarando

que teve vida e sentiu-se um ser humano, só depois que ingressou na turma de TC da escola. Passou então a se respeitar, valorizar, reconhecer como pessoa e a ter uma identidade constituída, na fala do jovem: “W atleta da SOGIPA, que representa o Brasil em campeonatos internacionais”.

Foi gratificante ouvir relatos de ex-alunos do projeto e acompanhar seu desenvolvimento, uma vez que estes tem tão pouco espaço na sociedade em que vivem. A recompensa que temos ao fazer parte deste processo é nos sentirmos felizes por estes alunos terem vencido tantas dificuldades e transformado suas vidas, tendo a esperança de que estamos caminhando em ritmo acelerado e no caminho certo.

Segundo TITTON (2012) e MOLL (2012) a Educação Integral vem desenvolvendo estudos sobre a educação, como uma proposta coletiva possível, recriando a escola como desencadeadora das ações de educadores, agentes e instituições. O autor faz referência a Educação Integral como educação de qualidade no Brasil.

O Projeto de Trajetórias Criativas deveria ser implantado em todas as escolas, muitas das quais existem profissionais extremamente conteudistas e avessos a propostas inovadoras, pois é de vital importância na inclusão de jovens em situação de vulnerabilidade. A inclusão deve incorporada no fazer pedagógico, percebendo a mesma como diversidade, com oportunidade de ter formação continuada, buscando parcerias com Universidades, movimentos sociais, Redes de Proteção, Secretaria de Educação. Construindo relações de interdependência, reconhecendo e prestigiando a vida. Ensinando pela vivencia, conectividade, onde as partes compõem o todo.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Programa Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade: relações étnico-raciais e de gênero. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de

Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____ Caderno de Reflexões – Jovens de 15 a 17 Anos no Ensino Fundamental, p. 15.

BECKER, Fernando. Se Professor é ser pesquisador. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007, 126p.

CANDAU, Vera M. Multiculturalismo e direitos humanos. In: Brasil. Programa Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade: relações étnico-raciais e de gênero. Ano X, pág. 6.

COSTA, Wanderleya Nara Gonçalves. Contação de Histórias: da abordagem das relações étnico-raciais ao aprendizado em matemática. X Encontro Nacional de Educação Matemática. Salvador, UFBA, 2010.

D'AMBRÓSIO, U. Etnomatemática. Elo entre as tradições e a modernidade. 2ª edição. Belo Horizonte: autêntica, 2002. 110 p. (coleção Tendências em Educação Matemática).

DAYRELL, Juarez. NOGUEIRA, Paulo Henrique de Q. MIRANDA, Shirley Aparecida de. Uma introdução: juventude ou juventudes? In: BRASIL. Caderno de reflexões Jovens de 15 a 17 anos no Ensino Fundamental. Brasília: Via Comunicação. 2011. 18p.

DUARTE, Claudia Glavam; TASCETTO, Leonidas Roberto. Fabulações sobre a Etnomatemática na perspectiva da Filosofia da Diferença. In: HENNING, Paula Corrêa (org.). Cultura ambiente e sociedade. Rio Grande, RS: FURG, 2012. Coleção Cadernos Pedagógicos da EaD, v.6. p.64-85. FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Etnomatemática: um estudo da evolução das idéias. Disponível na Internet site [www.ufrj.br / leptrns](http://www.ufrj.br/leptrns), 2003.

FREIRE, Paulo. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO. 17 EDIÇÃO, RJ 1987.Ed. Paz e Terra

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintonia da cultura. In: NOVAES, Regina.

VANNUCHI, Paulo (orgs.). Juventude e Sociedade: trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

LUDKE, Menga. ANDRÊ, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MAPA DA VIOLÊNCIA 2011: os jovens no Brasil /Julio Jacobo Waiselfisz. -- são paulo : Instituto sangari ; Brasília, dF : Ministério da Justiça, 2011

MEINERZ, Carla Beatriz. História Viva: a história que cada aluno constrói. Porto Alegre: Mediação, 2001.

NÓVOA, Antonio. Entrevista. Professor-pesquisador (2001)
<http://www.tvbrasil.org.br/saltop>

PADILHA, Paulo Roberto. *Educação Integral e currículo intertranscultural. Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. IN: MOLL, Jaqueline (org.) *Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso, 2012.

SILVA, Cleide Regina. BANCO DE DADOS – Gráfico 2. Material elaborado no Curso de Especialização em Educação Integral na Escola Contemporânea: Ênfase na abordagem teórica Metodológica Trajetórias Criativas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, POA, 2015.

TITTON, Beatriz Paupério. *Educação Integral: a construção de novas relações no cotidiano*. IN: MOLL, Jaqueline (org.) *Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso 2012.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2012: A Cor dos Homicídios no Brasil. GRÁFICO 1. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPPIR/PR, 2012.